

A PRESENÇA DE DEUS NO DESERTO

Aíla L. Pinheiro de Andrade*

RESUMO

As narrativas bíblicas enfatizam que os atos salvíficos mais importantes aconteceram no deserto. Ali Israel pecou, também ali foi perdoado. E, quando se faz necessário recomeçar a caminhada de fé, o deserto aparece como lugar privilegiado para encontrar-se com Deus. E assim prossegue a história da salvação em direção à nova Jerusalém e ao encontro definitivo.

PALAVRAS-CHAVE: deserto; encontro com Deus; espiritualidade; Nova Jerusalém.

ABSTRACT

The biblical narratives point out that the more important saving acts happened in the wilderness. The people of Israel sinned there and they were forgiven there too. And when it was necessary to recommence the journey of faith, the wilderness appears as a privileged place to meet God. And thus the history of the salvation continues in direction to New Jerusalem and to the definitive encounter.

KEYWORDS: wilderness; encounter with God; spirituality; New Jerusalem

Para início de conversa

Moisés foi ao deserto e recebeu a revelação do nome de Deus e a missão de libertar os escravos hebreus do Egito (Ex 3,7-10). O povo libertado das mãos do faraó teve que passar pelo deserto antes de entrar na terra prometida (Dt 2,7). Foi ali também que o profeta Elias, na luta contra a idolatria em Israel, fez a experiência com o Deus que se revela na brisa suave e não no vento furioso (1Rs 19,1-13). Os evangelhos são unânimes em afirmar que João Batista veio do deserto (Mc 1,4 // Mt 3,1 // Lc 3,2 e Jo 1,23) e para lá Jesus foi conduzido pelo Espírito (Mc 1,12 // Mt 4,1 // Lc 4,1) antes de começar o anúncio do Reino de Deus. E, quando o cristianismo entrou em crise, depois que foi assumido como religião oficial do império romano, foi para o deserto que os primeiros monges se dirigiram.

Por que o deserto tornou-se vital para quem quer um recomeço? Por que é uma baliza tão constante na marcação dos momentos mais importantes da história da salvação? Por que Jesus teve que fazer essa experiência de deserto? Como resgatar o significado mais profundo do deserto para o cristão de hoje?

* Doutora em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE).

Este artigo é fruto de um retiro pessoal para revisão de vinte anos de vida religiosa consagrada. Mais que respostas a estas perguntas, este texto tem o objetivo de partilhar, por meio de uma tematização teológica, uma experiência afetiva de encontro com Deus. A relação amorosa aconteceu antes da reflexão teológica, pois a teologia tem seu sentido em ser “momento segundo”, ou melhor, como tematização de experiências vividas pessoalmente e eclesialmente para a edificação do Reino de Deus.

O deserto

O deserto tem sido um tema amplamente explorado como recurso literário e teológico. Nos relatos bíblicos, o termo hebraico mais freqüente para designá-lo é *Midbar*, que em sua origem remonta ao verbo falar (*Dabar*). Também evoca o significado de “conduzir” “apascentar”, pois tanto os caravaneiros quanto os pastores realizam suas atividades através da voz ou grito, (cf. Is 40,3a, Jo 10,3-4;).

Outras palavras para designar o deserto são: *'Arabá*, “ermo” cuja significação fundamental coincide com a de *Midbar* (cf. Is 35,1.6; 40,3; 41,19; 51,3); *Horbah*, que denota “ruína”, “desolação”. *Yésimón*, que quer dizer etimologicamente “devastação”.

O profeta Jeremias, escrevendo da cidade de Anatot — com o deserto de Judá à vista — descreve o que significa um deserto enquanto terra totalmente estéril, qualificando-o de “terra onde não se semeia... terra de areais e barrancos, terra árida e tenebrosa, terra por onde ninguém transita e onde não se habita” (2,2.6).

Entretanto, todas as vezes que encontramos o vocábulo “deserto” em nossas edições da Bíblia, não é exatamente dessa descrição de Jeremias que se trata. Muitas vezes, está-se falando de deserto enquanto zona de transição entre uma terra fértil e outra árida. O termo português mais adequado seria “estepe” e é este significado que usaremos neste artigo daqui em diante.

Na estação que segue às chuvas torrenciais, essa faixa de terra semifértil se reveste de arbustos reverdecentes e relva salpicada de infinitas flores de cores variadas. Não é um absurdo, portanto, os profetas afirmarem que nos tempos messiânicos, o deserto se tornará fértil, será um pasto para o rebanho.

Israel no Deserto

Segundo a narrativa bíblica, o nascimento e constituição do povo eleito aconteceram no deserto. Foi durante a estadia ali que Israel tomou propriamente a forma de povo. O Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó revelou-se ali sob o nome de YHWH e por meio de Moisés efetivou a estruturação inicial de seu povo no aspecto religioso, moral, social, político e civil. Essa narrativa torna-se um paradigma. Todas as vezes que o povo se vê forçado a encontrar consigo mesmo, para renovar sua vida e suas instituições, o fará sempre a partir de um retorno a esse momento fundante da fé de Israel.

A narrativa de uma serie de atos salvíficos relevantes enfatizam a importância do deserto: a revelação do nome de YHWH, a conclusão da aliança do Sinai, o Decálogo e a Lei. Deus se faz presente na Arca da Aliança e na Tenda de reunião, guia o povo por meio da nuvem e coluna de fogo, o alimenta com o maná, e outros episódios. Esses atos são atualizados anualmente nas três festas principais da liturgia israelita: Páscoa, Pentecostes e Tabernáculos. Nas quais se celebram respectivamente a saída do Egito (Ex 23,15); a promulgação da Lei no Sinai cinquenta dias depois de cruzar o Mar (Ex 19,1) e a permanência em cabanas (Lv 23,43).

O lirismo mais belo e profundo dos profetas e salmistas brota sempre do retorno àquela experiência fundante que foi a providência de YHWH sobre seu povo no deserto. Para Oséias e Jeremias a recordação daquele tempo evoca a felicidade do primeiro amor, a intimidade do casamento, a fidelidade de Israel como resposta ao amor de YHWH, a ternura do pai para com seu filho (cf. Os 2,16-17; 9,10; 11,1; 13,4-5; Jr 2). Para Isaías a restauração de Israel é representada como um novo Êxodo e uma nova marcha através do deserto (cf. Is 32,15-16; 35,1-2; 40,3 e *pass*).

Esses atos salvíficos do deserto são também o tema de vários salmos e confissões de fé. A maior parte deles são hinos que tomam como motivos de louvor as intervenções salvíficas de YHWH em favor de seu povo (Sl 78; 105; 114; 135; 136; Jt 5,5-21; Ne 9,6-37).

O deserto estava calcado tão profundamente na consciência do povo que chegou a formar-se uma tradição, segundo a qual os tempos messiânicos se abririam repetindo

aquelas experiências fundantes. Nesta perspectiva deve colocar-se a ida ao deserto: dos Assídeos (cf. 1Mac 2,29-30) ou da comunidade dos Essênios¹ para preparar os caminhos do Messias segundo a profecia de Is 40,3.

Prova e Tentação

A dupla imagem de deserto que muda conforme as chuvas ou a seca favorece uma dupla teologia. Seu simbolismo tanto evoca a idéia de presença de Deus, quanto de tentação ou prova. Em seu aspecto de terra habitualmente sem água, sem vegetação nem habitantes é compreendido como lugar povoado por demônios (Lv 16,10; Lc 8,29; 11,24), sátiros (Lv 17,7) e animais maléficos (Is 13,21; 14,23; 30,6; 34,11-16; Sf 2,13-14). Quer dizer, nessa acepção, o deserto se opõe à terra habitada, da mesma forma que a maldição se opõe à bênção.

Então se pode dizer que na tradição bíblica, em seu conjunto, o deserto tem um duplo sentido que se complementa. Por um lado como lugar da eleição, mas também como meio de purificação, constituindo em ambos os aspectos uma preparação imediata para a entrada na Terra Prometida.

Em Dt 8,15 há uma descrição do deserto como lugar vasto e terrível, com serpentes de hálito abrasador e escorpiões, região árida, carente de água. Esse livro também resume as principais provas pelas quais o povo passou ali (Dt 6,14.16; 8,3). São semelhantes àquelas a que Jesus foi submetido, mas ao contrário deste, o relato bíblico constata que o povo não superou totalmente a prova, mas sucumbiu em várias claudicações.

Deus no deserto

Midbar, deserto, como já foi dito acima, vem de *Dabar*, palavra. Assim, o deserto tem outro atrativo que está relacionado às palavras. A linguagem é essencial para o ser humano, mas ali não se verbaliza muitas coisas e por isso se escuta. Tanto a Palavra de Deus, como a palavra da sedução, habitam no deserto. Se escutarmos a palavra de Deus,

¹ No pergaminho da Regra da Comunidade encontra-se a seguinte orientação para que os qumranitas separem-se da cidade e vão ao deserto abrir caminho ao Messias, para justificar essa atitude o pergaminho cita o texto de Isaías (cf. 1QS VIII, 13-14).

esta se tornará como a chuva, reverdeja tudo (Is 55,10-11). Se escutarmos a palavra da sedução, esta será semelhante ao siroco, vento quente (cf. Ex 10,13), que seca toda a vegetação.

Para Israel, em última instância, no deserto está a presença de Deus. Quando o povo no deserto faz a pergunta se “Está ou não YHWH no meio de nós?”, Deus responde a Moisés: “Eis que estarei ali diante de ti sobre a rocha em Horebe; ferirás a rocha, e dela sairá água, e o povo beberá” (Ex 17, 6-7). A água da rocha é a resposta ao povo desconfiado que perguntava pela presença de Deus. A água que jorra generosa é a certeza de que Deus é Emmanuel, que está e estará sempre com o povo, saciando sua sede, de uma maneira total e integral, individual e comunitária. Os israelitas têm sede no deserto e somente Deus pode saciá-los, porque Ele nos fez para Si.

A necessidade da água era imediata, porém a confiança no Senhor deveria prevalecer sobre isso. Contudo o ser humano geralmente considera as necessidades básicas como prioritárias e se deixa levar pela imediatez. Basta, porém, fazer uma memória das vicissitudes para dar-se conta de que o Senhor há providenciado soluções, mesmo que não sejam da forma esperada, mas sempre conforme o seu projeto salvífico, que não é compreendido em grande parte e por isso é vital escutá-lo no deserto. Ali os caminhos sinuosos antes percebidos como absurdos e injustos posteriormente adquirem sentido e ainda que não sejam decifrados completamente, não serão considerados à margem da providencia de Deus.

No *Midbar* Deus faz ouvir sua palavra (*dabar*). Ele lança sua semente, mesmo que a terra seja apenas uma zona de transição entre a fertilidade e a esterilidade (Mt 13, 4-7) e não propriamente um campo fértil. Mas o duplo sentido de deserto nos dá o reverso dessa ação. A semente lançada no terreno árido é roubada pelo inimigo. “A todos os que ouvem a palavra do reino e não a compreendem, vem o maligno e arrebatou o que lhes foi semeado no coração” (Mt 13,19).

A tradição dos Rabinos afirma que destrói as palavras de Deus que as interpreta de forma incorreta. Quem as interpreta corretamente tem que colocá-las em prática. A parábola do semeador revela que não apenas habitamos no deserto, mas também que ele habita em nós. É o coração mesmo do ser humano o terreno impróprio para plantar porque é cheio de angústias, cuidados do mundo e fascinação das riquezas (Mt 13, 21-22). E

Mateus denúncia que mesmo quando aparentemente somos um terreno bom, nem sempre a palavra de Deus produz fruto cem por cento (Mt 13, 23).

A Bíblia dedica um livro inteiro a esse tema. Deus habita no deserto e o ser humano tem um coração igual ao deserto, estéril, que destrói a semente (palavra) de Deus e não a faz frutificar. Esse livro da Bíblia chama-se *BaMidbar*, que quer dizer “No Deserto”. Infelizmente seu título foi mal traduzido e nós o conhecemos por livro dos “Números”.

Esse livro relata a queixa de Moisés porque embora o povo seja um verdadeiro deserto, Deus não desiste de conduzir Israel com a ajuda desse líder que não vê progresso na missão: “Concebi eu, porventura, todo este povo? Dei-o eu à luz, para que me digas: *Carrega-o* ao teu colo, *como a ama leva a criança* que mama, à terra que, sob juramento, prometeste a seus pais?” (Nm 11,12).

Essa passagem bíblica é a primeira menção da raiz hebraica *'aman*, no sentido de carregar, ser suporte, ter fé, ser fiel, crer, ter segurança. Da mesma raiz temos a palavra *emunah* - fielmente, verdadeiro, fidelidade, contínuo ou constante; *emet* - verdade, verdadeiro, certo ou correto; e por fim, a palavra *amen*. Essa raiz vem do nome de um rio perene: *Amon*. As perguntas de Moisés em Nm 11,12 mostram o quanto Deus é fiel, ele é o suporte do povo, Deus, e não Moisés, é quem carrega o povo como uma ama carrega a criança (*'aman*). Agindo assim espera que o povo seja fiel, que o carregue no coração, que seja verdadeiro, constante, perene. Deus espera todo esse retorno que resumido significa *amen*. Mas o deserto que está dentro do povo é pior que o deserto no qual o povo está. Vem a chuva, que é a graça de Deus, e a terra do coração continua sem produzir.

Curiosamente o deserto é o lugar da palavra, pois quando as palavras em hebraico têm a mesma raiz em sua origem há uma relação direta. Se *DABAR* quer dizer *palavra*, então, *MIDBAR*, deserto, etimologicamente é “lugar da palavra”. Ali onde ninguém pode apoiar-se nas seguranças costumeiras, ali quando cessam os discursos, então é possível uma disposição para ouvir o que há no coração e para perguntar-se pela vontade de Deus. É possível descer ao coração e abrir-se à sua linguagem para encontrar a palavra que define o ser humano.

No deserto habita o Deus da palavra, Aquele que não pode ser visto, mas ouvido. A palavra mais importante do homem é o *Amen*, mesmo na fragilidade e limitação. A que é

pronunciada por Deus é *aman* (carregar). O diálogo, a palavra de ambos, é *emunah* (fidelidade).

O ser humano é convidado a escutar a palavra chave sobre sua própria vida, ouvida dos lábios de Deus que fala no silêncio. Essa palavra é aquilo que define a humanidade aos olhos de Deus, e, portanto, é o que somos agora e o que estamos chamados a ser.

A Nova Jerusalém: verso e reverso do deserto

A última secção do Apocalipse (21, 1—22, 5) faz um díptico com o relato da criação do Gênesis. Se a primeira palavra de Deus no Gn foi “faça-se” (Gn 1, 3), a primeira palavra emitida pelo que está sentado no trono é: “Faço tudo novo” (Ap 21, 5). O primeiro céu e a primeira terra desaparecem (v. 1), dando lugar a uma nova criação. O autor insiste em inculcar a novidade, repetindo o termo até quatro vezes: vv. 1 (duas vezes), 2 e 5.

O mar, símbolo do caos, das forças adversas (Gn 1), já não existe (Ap 21,1). Deus, por meio de Cristo, destruiu o Adversário definitivamente (Ap 20, 1-10; cf. Is. 27, 1; 51, 9 s.; Sl 74, 13 ss.; Jó 26, 12 s.). Toda prova, toda tentação, acabou. Tudo é definitivo. Abatidos os inimigos, instaura-se o Reino de Deus, a nova humanidade na qual não há pecado, nem tropeço em provação alguma.

A nova Jerusalém não é feita de material inanimado, mas personifica a nova “cidade” dos que foram salvos. Com sua descida do céu, a totalidade do cosmos fica incorporada ao âmbito de Deus. Uma nova relação se instaura, se inaugura o novo noivado de Deus com o povo no gozo e na alegria (Os 2, 16-25; Jr 2, 1-3; Is 61, 10; 62, 4ss).

Essa noiva é a morada do Senhor. A nova Jerusalém, agora é a plenificação da presença de Deus no deserto, onde a nuvem era o símbolo da presença divina (*sekinah*), que baixava sobre a Tenda (Nm 9,15-23). Na nova Jerusalém o simbolismo se faz realidade: a morada não é a Tenda, mas o novo povo no qual Deus é uma presença plena.

A felicidade reina no novo povo (Ap 21, 4) porque foi eliminado todo tipo de dor, guerras, perseguições e morte (cf. também 22, 3-5). Aqui o livro chega a seu clímax: na luta

contra o Adversário, a comunidade vencerá apesar das dificuldades de cada época. O Deus criador é também a meta última de todo ser criado. As fontes humanas de felicidade não saciam a sede; somente o encontro definitivo com Deus poderá satisfazer todo anseio humano.

Quando o Adversário sedutor for julgado (Ap 20, 10.15), quando tiver desaparecido o cenário no qual se desenvolveu a tragédia do pecado (20,11), quando já não existir o velho mundo no qual reina a dor e a morte, quando desaparecer tudo que representa o caos ou a esterilidade, então se cumprirá a visão da nova terra e do novo céu. Desaparecerá o mar, isto é, o caos e surgirá uma nova criação. A morada de Deus e a morada do ser humano serão a mesma, o céu e a terra se reconciliarão. Serão cumpridas, por fim, todas as profecias (cf. Is 65,17ss; 66, 22).

Se, em outro tempo, Israel experimentou a presença de Deus no deserto, aquilo foi apenas uma pálida imagem do que agora se anuncia: porque Deus habitará definitivamente entre todos os homens e, todos os povos serão um mesmo povo na presença de Deus (Ap 7,9), porque já não haverá pranto, nem morte, nem dor alguma.

O cristão sempre tem diante de si a utopia do novo céu e da nova terra. Não pode conformar-se com a injustiça, com nenhuma mentira, com qualquer dor gratuita. Buscará sempre o Reino de Deus.

O mundo novo não supõe a destruição apocalíptica deste, mas sim sua transformação progressiva. A vida nova já está enxertada neste mundo. O Reino de Deus já está dentro de nós. Assim como o deserto esconde em si a fertilidade que brota durante a chuva.

A Tenda do deserto foi sinal desta presença salvadora de Deus no meio de seu povo. Jesus Cristo, Palavra de Deus feita carne, é a realização suprema deste divino estar-com-os-homens: “E habitou (literalmente: “fincou sua Tenda”) entre nós” (Jo 1,14). Na Jerusalém do céu tudo está penetrado pelo que a Tenda significava: a perene presença de Deus. A bem-aventurança, dom gratuito de Deus, é a herança dos fiéis; e muito mais, é o cumprimento das promessas messiânicas feitas a Davi e que agora se estendem a todos os que participam da relação amorosa entre o Deus e o Cordeiro imolado/ressuscitado.

É isso que se expressa no pacto novo e definitivo firmado entre Deus e o ser humano. As bodas do Cordeiro são o seu sinal. Todos os povos agora fazem parte do povo de Deus em Jesus Cristo. Quando se efetivar plenamente esse ideal, a cidade será sagrada: não terá templo, porque Deus habitará no meio de seu povo (Ap 21,22).

Para dizer “até logo”

Primeiramente foi o encontro com Deus no retiro pessoal. Depois a experiência, acontecida no nível dos sentidos e da dimensão afetiva, foi tematizada teologicamente neste artigo com o intuito de levar outras pessoas a terem um encontro com Deus. Foi também uma tentativa de passar da antropologia para escatologia, pois o povo de Deus vive de encontros e desencontros, ora está no deserto, ora o deserto está dentro de si, mas em uma e outra situação pode-se encontrar Deus. E assim a humanidade vai trilhando os caminhos da história até aquele encontro definitivo, quando não mais o ser humano se esconderá de seu Deus.

Para onde irei, longe do teu Espírito?
Para onde fugirei de tua face?
Se subo até os céus, lá estás;
se desço ao mais profundo abismo,
lá também te encontrarei.
Se tomo as asas da aurora,
se me fixo nos confins do mar,
ainda lá tua mão me guiará
e tua destra me sustentará.
Se eu disser: Pelo menos as trevas me ocultarão,
e a noite, como se fora luz, me há de envolver.
As próprias trevas não são escuras para ti,
a noite te é transparente como o dia
e a escuridão, clara como a luz.
(Sl 139, 7-12)

Referências

CLARK, Matityahu. *Etymological dictionary of Biblical Hebrew*: based on the commentaries of Rabbi Samson Raphael Hirsch. Jerusalem & New York: Feldheim Publishers, 1999.

KITTEL, Gerhard. *Theological Dictionary of the New Testament*. Michigan: Eerdmans, 1965.

KOHLBERGER, J. R.; GOODRICK, E. W. & SWANSON, J. A. *The exhaustive concordance to the greek New Testament*. Grand Rapids: Zondervan, 1995.

NAVARRO, E. F., *El desierto transformado: una imagen deuterocanónica de regeneración*. Roma: Pontificio Instituto Biblico, 1992.

POMYKALA, Kenneth E. (ed). *Israel in the wilderness: interpretations of the biblical narratives in Jewish and Christian Traditions*. Leiden: Brill, 2008.

Artigo recebido em 24.08.2010

Artigo aprovado em 27.10.2010